O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral doscorreios)	5$000	2$500	—$—	—$—

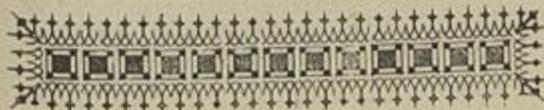
25.º Anno — XXV Volume — N.º 858

30 DE OUTUBRO DE 1902

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Um pequeno ataque de influença, felizmente sem consequencias que assustassem, desorganisou o programma que El-rei traçara para sua estada em Paris, onde governo e população se mostram constantemente amaveis com o Sr. D. Carlos.

Ultimas noticias telegraphicas dão El-rei como completamente restabelecido, tendo já dado um passeio em carruagem fechada pelos Campos Elysios e tendo ido ao theatro do Vaudeville ver a *Corrida do facho*.

Além das festas officiaes que lhe serão dadas pelo Presidente Loubet, muitas outras se organisam: Jantar no dia 4 no Ministerio dos Negocios Estrangeiros e caçadas que lhe offerecem o Duque de Chartes, o Conde de Castellane, o Duque de Luynes, o Barão de Rothschild e ainda outras.

Já cessaram os telegrammas officiaes do ministro de Portugal em Paris e o Dr. Debruc já apresentou a El-rei as suas despedidas.

O banquete no Elyseu deve talvez realisar-se hoje, sendo possivel que hoje mesmo o Sr. D. Carlos vá visitar em seu castello a Sr.ª Condessa de Paris, sua sogra.

Os principaes jornaes francezes referem-se com palavras muito amaveis a El-rei de Portugal, cuja viagem decerto consolidará nossas relações com os paizes estrangeiros.

Com o mesmo fim partiu ha dias de Lisboa o couraçado D. Carlos, que foi ao Rio de Janeiro levar a bandeira portugueza e demonstrar ao povo brazileiro nossa sympathia na occasião em que vae tomar posse do seu alto cargo o novo presidente eleito dos Estados Unidos do Brazil.

Não ha razões de queixa da forma por que vão caminhando nossas relações no exterior e nada cá de casa teriamos a dizer se não fosse o que passou no partido nacionalista, constante das cartas publicadas em todos os jornaes por alguns de seus mais illustres membros, redactores do CORREIO NACIONAL.

D'esta vez, batendo palmas em amoroso unisono, vimos regeneradores e progressistas, tão de accordo ostensivamente como, *segun se cuenta*, estão muita vez, á porta fechada, os srs Hintze e José Luciano.

Progressistas e regeneradores escrevem o necrologio do partido dos srs. Jacintho Candido, Mendes Lages e Conde de Bretiandos, desde que o abandonaram os srs. Fernando de Sousa, Quirino de Jesus e Azevedo Ennes. Deitam-lhe sobre a cova, em que o vêem mettido ou querem metter, suas considerações ironicas á mistura com umas linhas a serio que ao sr. Jacintho Candido especiálmente se dirigem.

O *Correio Nacional* ainda responde, porque em fim estrebuxar não é morrer.

Tem-se visto milagres, e quem sabe se aos partidos não dará cura o Dr. Eduardo Silva, só com impôr-lhe as mãos como o faz aos mais doentes.

De quando em quando, surge nos lá d'algum cantinho da provincia um menino virtuoso a mandar comer hervas aos consultantes, este surgiu em plena Lisboa com as algibeiras todas cheias de attestados maravilhosos; não é menino, é já homem serio; não manda comer hervas, põe as mãos onde nos dôa e vem tudo a dar na mesma:

CORONEL JOAQUIM CARLOS PAIVA D'ANDRADA

DESCOBRIDOR DO PORTO DA BEIRA

ANTIGO ADMINISTRADOR DA COMPANHIA DE MOÇAMBIQUE

quando cura, cura. Cura pelo mesmo processo por que o Faustino do *Commissario de Policia* dizia grandes coisas: era só abrir a bocca e deixar sahir.

O caso é que este doutor que a sr.ª D. Laura de Miranda poz agora a contas com a policia, obrou, segundo se diz, verdadeiros milagres que lhe foram pagos por bom dinheiro. Nem elle sabia como aquillo era, foi um condão que nasceu com elle. Suppunha entretanto, segundo a versão D. Laura, que eram uns fluidos que desciam do céo.

Ah! se o processo pudesse applicar se tambem a outros males muito maiores do que simples hysterismos ou neurasthenias, que fortuna para a humanidade! O Dr. Silva teria sua cadeira no gabinete do sr Juiz Veiga e, mal fizesse um signalzinho, logo o ladrão confessaria tudo, muito arrependido, muito satisfeito de se ver livre das tentações do crime.

Nem o cambista da rua do Arsenal teria sido roubado, nem o Dr. Villanueva, pois que todos deram em ser doutores, teria passado as passas do Algarve. Os hespanhoes suspeitos deixariam de sel o e qualquer *Olé* ou *Salero!* já não despertaria o olho arguto aos policias secretas. O Dr. Silva seria o regenerador da sociedade!

Com um bocadinho mais de boa vontade, até poderia levar mais longe os seus milagres: os electricos deixariam de atropelar as carroças, os cantores de S. Carlos de ser desafinados, as ruas de andar sempre em obras, as agencias telegraphicas de mentir, os automoveis de tocar trombeta. Um paraizo!

Nem o dr. Quirino de Jesus appelava para a verdadeira egreja depois das confusões estabelecidas, nem o máo litterato para o futuro, nem o *constante leitor* para o paiz.

O espectro do Barão de Catania, ao ver tanta paz e concordia, substituiria no Arco da Rua Augusta a estatua da gloria.

Os renitentes continuariam, por outros processos, a ser tratados pelo sr. Juiz Veiga, e que lhes aproveitasse.

Ao menos, poderia um homem gosar um bocadinho em socego d'este lindo verão de S. Martinho que nos veio visitar este anno um pouco mais cedo que o costume.

Tão lindo vai que ainda de todas as terras frequentadas pela sociedade que se diverte nos chegam noticias da sua animação.

A Bartet e o Le Bargy é que lhes darão o signal de retirada.

Exceptuando S. Carlos e o theatro de D. Maria, já todos os theatros de Lisboa abriram suas portas e até o D. Amelia já apresentou peça nova aos seus assignantes de primeiras recitas: *Nelly Rosiers* uma peça de bons auctores francezes, traduzida por Eduardo Garrido.

Não é ainda bastante para chamar a gente de Cascaes, enthusiasmada com a belleza dos poentes e os pianos cançadissimos dos differentes *clubs*.

Pois os amadores de *sport* já em Lisboa tiveram um dia de festa, segunda feira passada, com a chegada ao Campo Grande dos primeiros automoveis, que, com uma rapidez extraordinaria, percorreram em poucas horas a pessima estrada que da Figueira conduz a Lisboa.

Não o fizeram sem incidentes, choques, machinas escangalhadas, e outros de menor importancia.

O primeiro a chegar foi o automovel conduzido por Edmond, vencedor do segundo premio na corrida de Paris a Vienna. Não lhe foi d'esta vez entregue o premio, por não ter conduzido a sua machina desde a Figueira, mas apenas desde Coimbra. O ter adormecido no comboio e assim ter deixado passar a estação de Alfarellos foi causa do transtorno

Ninguem foi atropellado, não morreu ninguem.

A este respeito contava, ha dias, um jornal do Porto os sustos que os espectadores haviam tido ao verem um automovel a toda a força passar sobre a perna d'um homem. Dão-lhes em França a estas machinas a alcunha de *écraseurs*. Fóra um horror! As mulheres fugiam, os homens desviavam o olhar e só por dever corriam em soccorro do desgraçado Mas já elle estava dançando a meio do caminho. A perna era de páo.

Mas, como pernas de páo nem todos teem o condão de possuil-as, e como só d'aqui a alguns annos poderemos todos gosar d'este beneficio, com automoveis por um lado, electricos por outro, temos de andar de olho aberto e ouvido á escuta.

Entre outras originaes maneiras de viver havia d'antes o atropelado que de proposito se deixava cahir deante d'um tilbury levesinho, cujo dono dava sempre ao desgraçado uma moedas de prata pelo menos. Agora acabou-se; é só maneira de morrer.

João da Camara.

O Territorio de Manica e Sofala

A administração da Companhia de Moçambique publicou agora, sob o titulo acima uma bem elaborada monographia, que devia ter sido apresentada no Congresso Colonial, promovido pela Sociedade de Geographia de Lisboa em 1901, mas que circumstancias imprevistas, não permittiram ter-se concluido a tempo para esse fim.

É pena que o congresso reunido não podesse apreciar tão importante trabalho, que representa não só o que eram os territorios de Manica e Sofala antes dos trabalhos de exploração, mas, o que é mais grato saber, o quanto, sob a administração da Companhia de Moçambique, se tem feito para elles prosperarem e se valorisarem.

Foi o Occidente dos primeiros que na imprensa, desde 1878 principiou a chamar a attenção dos poderes constituidos e do publico para os grandes territorios de Portugal na Africa.

Data tambem d'esse tempo o principio da corrente para a Africa portugueza, pois não bastava possuir ali, por direito de descobrimento ou conquista, vastos territorios incomparavelmente superiores em extenção e riqueza ao nosso continente europeu, mas sim tratar de os desbravar, e colonisar para assim se tornarem effectivos esses direitos.

Por muitos annos, até seculos, se deixou quasi ao abandono essas vastas regiões que fariam a fortuna de muitos povos. A orientação da politica portugueza não se encaminhava para ahi, não se preoccupava com isso. Mas os tempos mudaram e reconheceu-se que uma boa politica colonial era necessaria, como era imprescendivel garantir o dominio portuguez nas suas possessões africanas.

N'um periodo inferior a trinta annos, tem-se feito mais do que em tres seculos, e a Monographia que temos presente dá razão ao nosso acerto, tratando d'uma parte d'Africa oriental, onde ainda ha pouco mais de dez annos tudo jazia no abandono secular.

Trataremos hoje das primeiras concessões e de como se estabeleceu a primeira Companhia de Moçambique, respigando para isso alguns periodos no livro de que vimos tratando:

«N'um requerimento, com a data de 8 de março de 1888, alguns nomes dos mais illustres nas finanças portuguezas, um grande escriptor e um distincto enthusiasta das nossas cousas africanas (¹) pediam o previlegio ou concessão por trinta annos da exploração colonial, em todos os seus variados ramos e principalmente no que diz respeito ao reconhecimento e lavra dos jazigos auriferos, de uma grande parte da Africa Oriental Portugueza, obrigando se os signatarios á construcção de um Decauville marginal do Pungue ou do Buzi e dentro da concessão pedida.

N'este documento declarava-se que haviam sido adquiridos os direitos da *Société des Fondateurs de la Compagnie Générale du Zambèze* e os da *Companhia do Ophir*, concessões auctorisadas respectivamente pelos decretos de 26 de outubro de 1878 e 12 de fevereiro de 1884, assim como se haviam alcançado os direitos das pescarias de perolas nas Costas de Moçambique desde o Zambeze ao Cabo S. Sebastião, concessão pedida pelo sr. J. Couvreur em 5 de outubro de 1883.

No mesmo documento chamava-se a attenção do Estado para as vantagens que da concessão tambem directamente lhe adviriam, crescendo a materia collectavel e o rendimento das alfandegas, ao passo que se implantaria a soberania portugueza em pontos onde o nosso dominio era apenas nominal e isto sem que o Estado encorresse em pesados onus administrativos e militares.

Antes de indicar qual a solução dada pelo governo a este pedido, diremos duas palavras ácerca das origens e fundamentos do requerimento.

Em 1877 tinhamos como addido militar á nossa legação em Paris um brilhante official de artilharia, o capitão Paiva de Andrada. Lembrou-se d'elle, para lhe offerecer o governo reunido de Quelimane e Tete, o então ministro do Ultramar, mas levado pelo seu temperamento de aventura e de enthusiasmo escusou-se ao encargo official aquelle hoje tão illustre africanista, pedindo para lhe permittirem fazer uma larga exploração da nossa tão rica e mal aproveitada Zambezia. Acquiesceu promptamente o ministro ás arriscadas ambições d'aquelle official e este, valendo-se das suas relações com a *Haute Banque* de Paris, conseguiu em pouco tempo organisar a *Société* a que já nos referimos e a quem, pelo decreto de dezembro de 1878, foram feitas largas concessões na região do Zambeze. Aquella empreza enviou para a Africa, successivamente, duas expedições technicas com as quaes dispendeu 112 contos de réis chegando a fazer importantes trabalhos de exploração nas minas de carvão na região de Tete, mas, sendo-lhe pelo governo, exigidos novos e grandes esforços, não poude continuar e em 1883 entrou em liquidação.

Na segunda das expedições technicas realisadas por conta da *Société*, teve o sr. Paiva de Andrada occasião de percorrer parte do paiz de Manica, região tão celebre na nossa historia da Africa Oriental e cujas minas noticiadas em todos os escriptos antigos como os de Fr. João dos Santos, Boccarro, etc., de novo teem sido postas em relevo por viajantes da cathegoria scientifica de Liwingstone, Erskine ou de notoriedade como Selous e Elton.

Enthusiasmado com a riqueza aurifera da região, o sr. Paiva de Andrada, conseguiu congregar novos elementos financeiros, d'esta vez todos nacionaes, e assim se formou a *Companhia de Ophir* a quem foi concedido, pelo decreto já citado de fevereiro de 1884, a exploração exclusiva das minas de Manica e Quiteve. Não foi esta Companhia mais feliz do que a primeira e, por insufficiencia do capital subscripto e ainda por outras causas, resolveu tambem liquidar.

Mas, se os primeiros financeiros desanimavam ou succumbiam perante as difficuldades da empreza, não desanimava nem desfallecia o sr. Paiva de Andrada que conseguia transmittir a sua esperança e a sua fé ao grupo financeiro que constituiu a primeira Companhia de Moçambique, com um capital subscripto de 180 contos de réis e que em março de 1888 requeria ao Governo nos termos que já vimos.

O Governo punha as costumadas demoras da nossa administração publica por isso só pelo decreto de 20 de dezembro de 1888, assignado pelo ministro Barros Gomes, *despachou* o requerimento, mas concedendo apenas as *minas do Estado* nas bacias do Aruangua e do Buzi, (isto é, ainda menos do que fizera a concessão da *Companhia de Ophir*).

Apressou-se a Companhia a pugnar pelos seus interesses, reclamando contra a interpretação dada pelo Governo aos seus contractos mineiros e logo a 26 do mesmo mez de dezembro *requeria* que o seu privilegio se estendesse pelas regiões entre o Aruangua e o Zambeze, expondo a forma seria como se tinha formado e inteiramente alheia á especulação.

Não esperava ella, entretanto, a solução do Governo para começar os seus trabalhos, installando-se em Lisboa e nomeando para administrador delegado o illustre escriptor Oliveira Martins e já em meiados de 1888 enviava para a Africa a sua primeira expedição, destinada a começar o reconhecimento e exploração da região mineira de Manica. E como grande parte dos terrenos de concessão pertenciam ao imperio vatua e como apezar da soberania portugueza sobre Gaza o potentado que regia aquelle enorme paiz nem sempre acatava as ordens ou disposições do Estado soberano, foi com a expedição o tenente-coronel Paiva de Andrada administrador da Companhia que, pelas suas anteriores visitas ao Gungunhana gosava aos olhos d'este chefe de um grande e justificado prestigio e que, desembarcando em Africa devia seguir para o Mossurize a sondar o animo do regulo e a influir, sendo preciso, nas suas resoluções.

A missão de Paiva de Andrada teve um exito completo; muito bem recebido pelo Gungunhana alcançou d'este uma completa acquiescencia aos trabalhos da Companhia, sahindo de Mossurize acompanhado de um *indota* (¹) vatua encarregado de transmittir a todos os regulos e feudatorios dependentes do seu soberano a vontade favoravel do grande chefe.

Ao tempo que este illustre africanista se desempenhava do primeiro passo a dar na installação da Companhia em Africa, a expedição sob a direcção do sr. João de Rezende (desembarcada em Chiloane e transportada a muito custo e em lanchas do Governo d'ahi para a Beira) conseguia pôr-se em marcha, apoz muitos trabalhos e contrariedades e passando á margem esquerda do Pungue, para fugir das terras pertencentes ao Gungunhana — cujas intenções ainda não eram conhecidas — atravessou parte do Gorongoza e

(¹) Conde de Penha Longa, Ed Bartissol, E. Pinto Basto, Fontes Ganhado, Lima Mayer, J. Couvreur e Oliveira Martins.

(¹) Termo vatua que significa *pequeno senhor, chefe de povoação, etc.*

do Barué chegando a Macequece em meiados de janeiro de 1889.

Ahi compareceu pouco tempo depois o sr. Paiva de Andrada, tendo reconhecido a via de communicações a estabelecer entre a costa e Manica, preoccupando-se com justa razão em organisar solidamente e primeiro que tudo essas communicações.

Assim, tratava de fundar a feitoria da Beira, reconhecer e balisar o seu porto, reconhecia a navegabilidade do Pungue e estabelecia na sua margem direita duas estações, uma em Mapanda ou Cafunguze e outra no Guenjere, limites de navegação permanente e accidental d'aquelle rio, onde já se balouçava um pequeno e apropriado vapor o *Mafambice*, alcunha cafreal (¹) do sr. Paiva de Andrada.

A' estação do Guenjére foi dado o nome de Sarmento em reconhecimento dos serviços que a expedição devia ao então governador de Sofala, o tenente coronel J. C. Moraes Sarmento.

De Mapanda, o sr. Paiva d'Andrada foi fazendo abrir caminho para Manica e como a distancia entre Sarmento e Manica era demasiado grande abriu ainda outra estação, a de Chimoio, proximo da povoação do regulo d'este nome, em terras de Ganda.

Das margens do Pungue o mesmo africanista noticiava o apparecimento d'uma nova e grave difficuldade a existencia do mosca *tzé tzé* n'uma faxa marginal ao rio, mas não parecendo passar além de Chimoio.

Ainda não tinham terminado estes trabalhos de installação já havia novos motivos para receiar vêr entravados os trabalhos da Companhia, pois o Mutassa, de quem o Gungunhana era soberano, acabava de repellir uma aggressão dos vatuas e, em vista d'isto, era para temer que o regulo de Manica não se conformasse com as intenções do chefe e mal recebesse a expedição. Comtudo, não succedeu assim; antes pelo contrario, se mostrou animado dos melhores desejos de a auxiliar, recebendo e arvorando no seu *curral* ou *aringa* a bandeira portugueza ao passo que deixava dar começo á feitoria de Manica. E como se reconhecia ser indispensavel ter alguem de posição e de qualidades para dirigir os importantes serviços da Companhia na zona littoral, foi nomeado para o cargo de director ou governador, n'esta zona, o antigo governador de Sofala o coronel Moraes Sarmento que tomou conta do seu logar em abril d'este anno de 1889.

Assim se ia cumprindo o plano de installação da Companhia em Africa que, no dizer do sr. Paiva de Andrada se resumia:

1.º No estabelecimento d'uma decente feitoria na Beira;

2.º Em ter boas communicações com Manica; rebocadores e barcaças no rio, carros de bois de Chimoio para Manica, carregadores, emquanto não houvesse Decauville, entre a Mapanda e Chimoio.

Dados estes primeiros passos o sr. Paiva d'Andrada partiu para o Panhame e Mazoé em missão do Governo e o sr. João de Rezende estabelecia em agosto de 1889 a nova feitoria de Manica na explanada do antigo forte portuguez de Massikesse ou Macequece á qual punha o nome de *Andrada*, começando-se logo os trabalhos de *pesquiza* e formulando se contractos de exploração mineira, havendo no fim de 1889 cinco *filões* reconhecidos, Penha Longa, Resende, D. Maria Pia, D. Luiz e outro, ao mesmo tempo que se reconhecia a existencia, por numerosos vestigios, de antigos e importantes trabalhos nos montes sobranceiros a Andrada.

N'este mesmo anno de 1889 a Companhia elevava o seu capital social a 360 contos e, tendo-se demittido o sr. Oliveira Martins, foi nomeado para o seu importante cargo o sr. Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello Ganhado, hoje marquez de Fontes Pereira de Mello. O governo, por decreto de 7 de Novembro de 1889, nomeava um Commissario Regio encarregado de olhar pelos trabalhos da Companhia e de centralisar a correspondencia entre ella e o Governo, e para o cargo foi escolhido o sr. Tito de Carvalho chefe de repartição no ministerio do Ultramar.

Em 1890 progrediram os trabalhos da Companhia; novas installações se foram fazendo nas differentes estações, creando-se por, proposta do sr. Paiva d'Andrada, uma outra a juzante de Mapanda — para substituir esta que se reconheceu ter ficado mal collocada — a qual foi dado o nome de Neves Ferreira, em homenagem ao Governador Geral da Provincia; novo material se foi enviando para a Africa, ao passo que se iam descobrindo novos filões auriferos — quinze no fim de 1890 — sobre os quaes se tinham lavrado trinta e um contractos de arrendamento representando um capital subscripto de 3 650 000$000 réis.

Ao mesmo tempo o engenheiro Pouhin, ao serviço da Companhia, reconhecia e estudava o traçado do caminho de ferro do valle do Pungue, com a testa em Neves Ferreira.

E como se reconheceu que o Mutari, no valle do qual se tinham demarcado os primeiros filões, era afluente do Odzi pertencente á bacia hydrographica do Save, a Companhia requeria em 8 de maio de 1890 que a sua concessão abrangesse tambem o valle do Odzi, requerimento que, como os outros, ficou sem resposta ou tardiamente a teve.

Em officio de 20 de outubro a Companhia referindo-se aos seus anteriores pedidos fazia notar, e bem, que se o Estado tivesse deferido as suas anteriores representações teria ella na occasião outros e mais largos meios de acção no districto de Manica com proveito do paiz.

Um decreto de 27 de novembro veiu finalmente declarar que a concessão de 1888 abrangia as minas de Manica, Quiteve, Bandire e Inhaoxo.

Decorriam vagarosamente, é certo, os negocios da Companhia por causa de varios obstaculos, derivados uns da falta de meios de transporte da costa para a Manica e ainda da falta de communicações regulares entre a metropole e a Beira (¹) e outros resultantes do Governo não despachar os successivos requerimentos formulados pela Companhia, sollicitando aclaração e desenvolvimento do primeiro decreto de concessão; mas, embora vagarosamente, ia a Companhia progredindo successiva e seguramente quando a invasão de Manica pela policia da *South Africa*, em novembro do anno de 1890, veiu paralisar os seus trabalhos e pôr em perigo a sua existencia.

Todos conhecem os lamentaveis factos que deram origem a este acto de verdadeiro flibustei rismo a que de resto teremos de nos referir de novo e um pouco mais largamente em logar proprio.

Consequencia da não ractificação do tratado de 20 de agosto e do desejo de conseguir para a *British South Africa* a região de Manica, indubitavelmente aurifera e o valle do Pungue — a mais curta entrada para o paiz dos Matabeles e Machonas; — a invasão de Manica trouxe como consequencia a ruina do estabelecimento de Andrada, o abandono das estações intermedias, a má vontade dos indigenas e até a insolencia dos vatuas, até então bem dispostos, mas que vendo a nossa fraqueza e trabalhados talvez por agentes inimigos, chegaram a insultar a feitoria da Beira e o seu chefe.

Desde então a primeira Companhia de Moçambique estaciona, senão decae, mas o Estado ainda utilisa os seus serviços incitando-a a estabelecer um accordo com a *British Sout Africa Compagny* que facilitasse as negociações posteriores dos respectivos governos. Mas a dedicação do administrador sr. E. Pinto Basto, os bons officios de Sir Donald Currie e as diligencias e protestos dos syndicatos inglezes dirigidos pelo sr. Moreing, foram impotentes contra a má vontade da poderosa companhia ingleza e nada, portanto, se conseguiu.

Pelo tempo em que se realisavam tão lamentaveis factos lembrou-se o governo portuguez de fundar uma poderosa Companhia, com faculdades administrativas, para occupar e desenvolver rapidamente a provincia de Moçambique. E' natural que servisse de fundamento a esta lembrança a creação da *Britih sSouth Africa Compagny* creada em maio de 1889 e que recebera a sua *Carta* de encorporação em 20 outubro do mesmo anno. Vendo esta poderosa associação (com o capital de £ 1:000:000) fazer tão grandes cousas em tão pouco tempo; tratar, mal installada ainda, da construcção de centenas de kilometros de caminhos de ferro e de telegraphos; de enviar aos confins do territorio concedido uma expedição militar de 600 homens encarregada da organisação d'ma forte linha de communicações e de occupação do paiz Mashona, veiu naturalmente ao Governo a idéa de empregar os mesmos processos para desenvolver rapidamente a nossa tão atrazada e tão cubiçada provincia de Moçambique. Querendo, e justamente, interessar em tão grandiosa empreza as principaes forças financeiras do paiz, o Governo congregou uma reunião, na Associação Commercial de Lisboa, dos principaes banqueiros e de varios africanistas illustres onde foi presente a idéa do Governo e onde logo foi nomeada uma commissão, composta de Oliveira Martins, Conde de Mozer e tenente-coronel Joaquim J. Machado, com o fim de apreciar e de modificar, sendo preciso, o projecto apresentado pelo Governo. A commissão muito promptamente apresentou o seu parecer, mas aqui terminou, sem outro resultado, esta primeira tentativa.

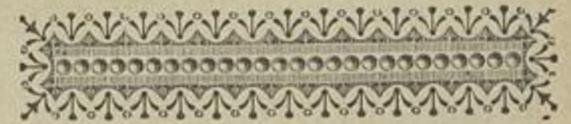
E' natural que o Governo, não desistindo de sua idéa, procurasse outros auxiliares de seus planos e se lembrasse da Companhia de Moçambique que, embora paralisada na sua expansão exploradora, contava não só poderosos elementos financeiros como apreciaveis meios d'acção n'uma das regiões mais apropriadas á implantação do systema, por pouco conhecida e mal occupada.

Do Governo partiu, portanto, a proposta, a qual foi acceite pela Companhia de Moçambique, mas, preoccupado com as negociações do tratado com a Inglaterra, só assignou o decreto da concessão magestatica, ou de carta de encorporação como se diria em inglez, em 11 de fevereiro de 1891, carta que foi modificada pelas disposições do decreto de 30 de julho do mesmo anno.

Começou desde logo a Companhia as suas diligencias financeiras para se constituir com o capital indicado na *Carta*, mas estas foram, como era de prever, demoradas e difficeis, pois a situação do nosso paiz sobre o ponto de vista financeiro era má, o seu credito abalado e as suas relações com a Inglaterra, que tanto influem na sua cotação politica e na sua vida economica, ainda não eram cordeaes como de costume.

Em primeiro logar teve de ser posta de lado a ideia patriotica de deixar uma parte importante das acções para subscripção do capital portuguez, o qual, como de costume se absteve por completo de se arriscar em emprezas africanas. Depois os proprios termos do decreto de 30 de julho levantaram difficuldades por parte dos capitalistas inglezes que tomavam firme uma grande parte da subscripção. Assim, o prazo para constituição da Companhia teve de ser prorogado e a *Companhia Soberana* só ficou definitivamente constituida em 5 de maio de 1892, substituindo-se á primeira Companhia de Moçambique. Esta, em assembleia geral de 19 de março de 1892, dera plenos e irrevogaveis poderes aos seus directores os srs. E. Pinto Basto, A. Bensaude e J. Wimmer para proceder á liquidação dos seus haveres.

(¹) Significa *andar de pressa, andar sempre.*

(¹) Ainda em junho de 1890 não tocavam na Beira os vapores da Mala Real, embora já ali fossem frequentemente os das companhias inglezas.

AS NOSSAS GRAVURAS

MONUMENTO A AFFONSO DE ALBUQUERQUE

OS BAIXOS RELEVOS

Em o n.º 855 do OCCIDENTE publicámos, entre outras gravuras relativas ao monumento de Affonso de Albuquerque, a reproducção de um dos baixos relevos que decoram a base do monumento: *É esta a moeda com que El-Rei de Portugal paga os seus tributos.*

Hoje reproduzimos os tres baixos relevos restantes e que representam tambem quadros historicos da vida do grande Affonso de Albuquerque.

Estes baixos relevos são verdadeiras obras d'arte que por si só constituem um monumento, e em que o seu auctor, o sr. Costa Motta affirmou o seu talento, compondo e modelando tão preciosos quadros.

OS CIGANOS E O SEU DIALECTO

(Continuado do n.º 857)

III

Procedencia da India

O auctor das *Miserias Imperiaes*, escriptor contemporaneo de Quindalé, e ao presente ainda occupando na litteratura hespanhola um logar

Monumento a Affonso de Albuquerque

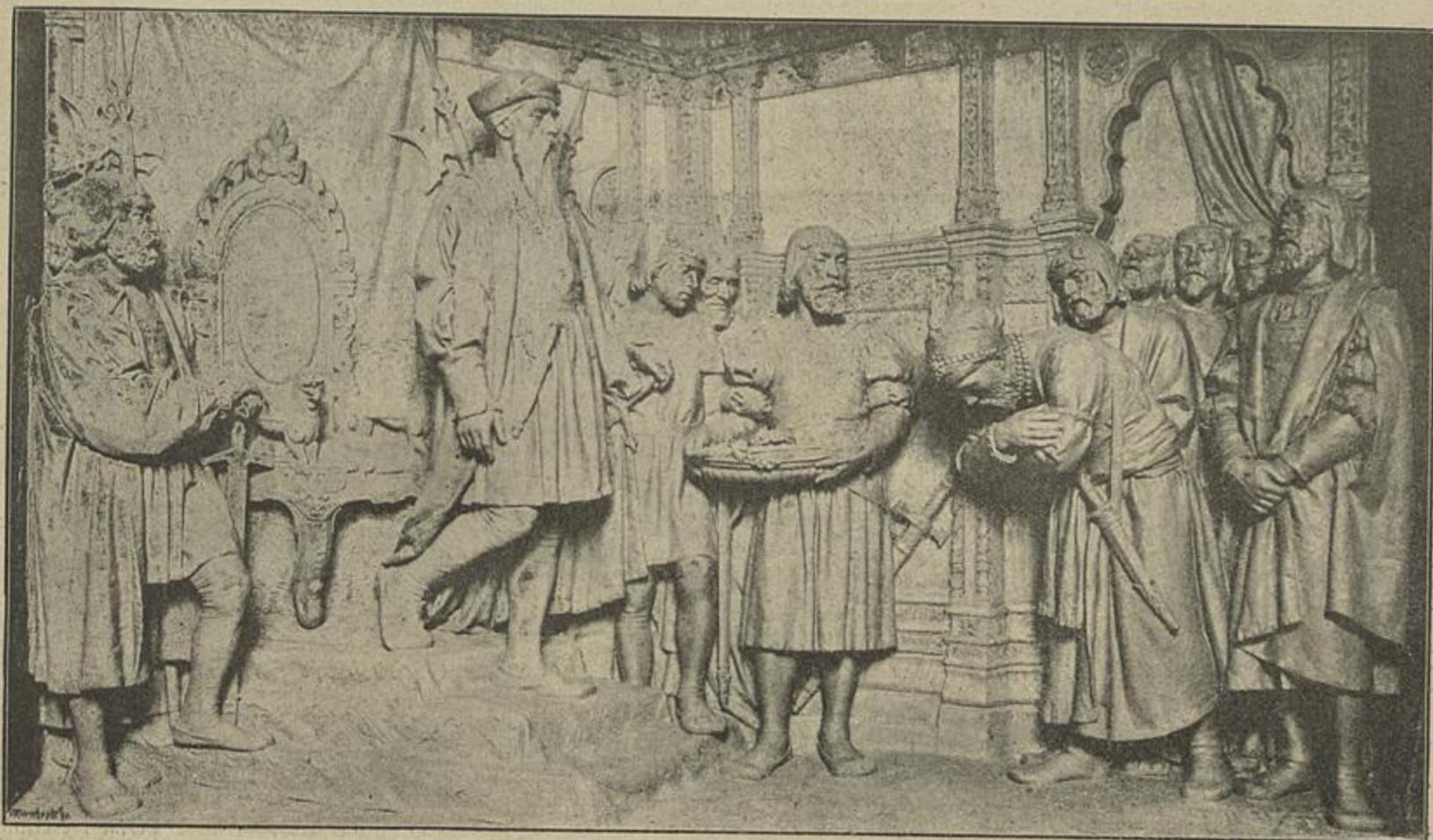
BAIXO-RELEVO DO MONUMENTO A AFFONSO DE ALBUQUERQUE — Entrega das chaves de Góa

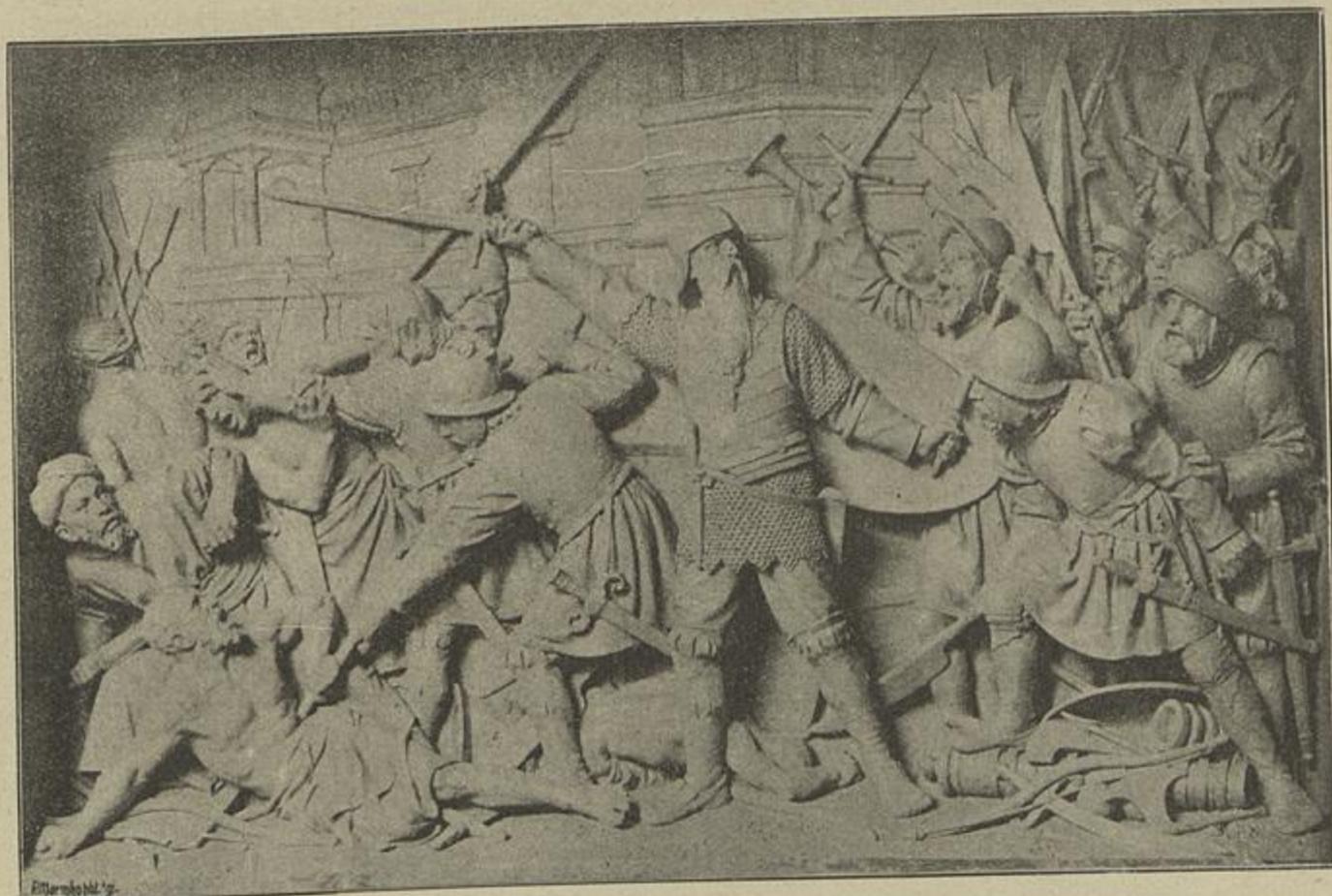
proeminente, escreveu n'esse livro, que todos acatam como um dos mais preciosos estudos sobre a raça cigana, o que vamos transcrever, e em que deixa provada a sua procedencia da India.

«Desde que esse misero povo da Asia, errante e vagabundo, mas audacioso e penetrante, guiado por Timur-Lenck, conhecido pelo grande Tamorlan, e já por outros guerreiros que o tinham autecedido, se espalhou pela Europa, excitou contra si, primeiro a surpreza, depois a curiosidade e em seguida a aversão.

De dois diversos modos entraram os ciganos na Europa: seguindo os exercitos sarracenos que, percorrendo o littoral africano desde a Arabia e o Egypto, vinham desembarcar a Hespanha na volta das suas successivas excursões, ou acompanhando as hostes invasoras dos turcos á Hungria e á Bohemia.

E' por esta rasão que os siganos sendo conhecidos primeiramente como procedentes d'estes dois povos começaram a ser designados por egypcios e bohemios.

Tez queimada, formas proporcionadas e elegantes, feições expressivas, engenho profundo, caracter eminentemente positivo, revelando o conjuncto perfeito das qualidades primitivas da raça do Sem e como consequencia d'essas qualidades,

BAIXO RELEVO DO MONUMENTO A AFFONSO DE ALBUQUERQUE — Recepção da embaixada do rei de Bisnaga

Monumento a Affonso de Albuquerque

BAIXO-RELEVO DO MONUMENTO A AFFONSO DE ALBUQUERQUE — Tomada de Malaca

TERRITORIO DE MANICA E SOFALA — Beira povoação indigena em *Motundo*

deixando transparecer os costumes singulares que a distingue, essa raça excepcional surprehendeu, como era de esperar, as nações da Europa.

Ainda se conservam no vasto espaço da peninsula indica, mas mais especialmente nas margens do Sind, alguns restos da raça semitica em toda a sua pureza, que são da mesma familia dos ciganos, professando apenas vagas noções de religião natural, sem culto, sem adoração, não conhecendo outra moral além do absoluto materialismo, sem chefes, sem leis e sem patria, professando um absolucto desprendimento pelo direito de propriedade. Apenas entre elles se tem guardado uma unica regra de conducta, de tradição remotissima, e na qual se resume todo o seu codigo legislativo:

Liberdade de proceder segundo a vontade propria ou as necessidades indicam.

E assim, ao mesmo tempo que a vida sensual, o roubo e o desprezo pela morte são as qualidades proprias d'essa raça indolente e voluptuosa do Indostão, os ciganos modificam os seus costumes e habitos conforme o grau de tolerancia que lhes dispensam os governos dos paizes em que habitam.

Vejamos agora de que modo foram recebidos os ciganos.

Na epoca em que elles vieram para a Europa existia em Hespanha uma lucta sem treguas entre mouros e christãos.

Combatiam se as crenças religiosas, a cruz e a meia lua, apezar de realmente, á sombra d'essas crenças se disputar a posse do solo e a extensão do dominio

Na Allemanha existia outra lucta não menos sangrenta e tenaz entre as differentes seitas em que se tinha dividido o christianismo, e era em nome d'esses principios oppostos uns aos outros, que se disputava a supremacia d'um potentado sobre outro potentado.

Não podia ser mais critico o momento para essa raça apparecer, sem crenças e eivada do mais profundo materialismo, no meio de povos assim excitados pelo fanatismo e com os quaes estabeleciam um perfeito contraste.

Passada a primeira impressão de espanto succedeu a perseguição e o odio.

Os ciganos resistiram e conservaram-se.

Não queriam exercer predominio nem confundirem-se com as outras raças.

Tão pouco os animava o egoismo das riquezas.

Vivendo apartados com os seus irmãos e para elles, mais do que parcamente, e muitas vezes com menos do que o strictamente necessario, os ciganos para quem as leis são tropeços, as cerimonias do culto superstições, o amor da patria affecto imaginario de logar, os direitos de cidadão chimeras politicas, chegaram até nossos dias sempre estranhos, humildes e miseraveis.

Ao contrario do judaismo que persiste em humilhar as outras raças, exercendo influencia sobre ellas, amontoando thesouros, resistindo a fazer qualquer modificação nas ceremonias do seu culto, o cigano nada impõe, nada quer, e só imita as feras no deserto, vindo ao povoado buscar alimento para seus filhos, quando a fome o excita; então se não tiver dinheiro para comprar esse alimento não vacilará em roubal-o,

As manhas do cigano hespanhol são tão conhecidas d'este povo que todos se defendem perfeitamente d'ellas. Emquanto ao resto os seus maus instinctos resumem-se em ler a buenadicha, ou alquilando cavallos, que rouba.»

Um missionario francez, o presbytero Dubois, que durante cerca de trinta annos residiu na India, quasi em fins do seculo XVIII e ainda em principios do seculo XIX, descreveu minuciosamente as instituições, costumes e castas d'aquelle paiz, e conhecedor das divagações de que era objecto a historia dos ciganos entre os eruditos da Europa, relatou as particularidades nos costumes e habitos de vida de certas hordes de vagabundos na parte occidental, isto é, nas margens do Sind, costa de Malabar e districto de Maisur.

Os *curavers* ou *curumerus*, os *Kanokis* ou *Kanochis*, os *lambadis* ou *sucaters*, os *Kalabantrus* (ladrões) e outras muitas hordes, formam uma casta especial, que em coisa alguma se parece com as demais da India, vivendo errantes, sem leis, cultos, habitação nem propriedade, dedicada á pilhagem e a predizer o futuro, falando uma linguagem particular ou dialecto differente do idioma usual no Indostão.

O missionario Dubois explica tambem que esses vagabundos, pelos seus usos, costumes e caracter, tem uma analogia notavel com os ciganos espalhados pela Europa, e que se os compararsem com os *curavers* e *lambadis* se desvaneceria a opinião dos que fixam a sua origem no Egypto.

Prosseguindo, o presbytero Dubois no seu relatorio, descobre uma circumstancia que explica claramente a razão d'esses vagabundos emigrarem da India para os ultimos confins da Europa.

Os principes mahometanos d'aquella região empregavam os *curavers* e *bambadis* em saquear e devastar os reinos visinhos em tempo de paz; em occasião de guerra juntavam-se voluntariamente aos exercitos na qualidade de auxiliares, não para combaterem, mas para o serviço de transportes e outros empregos secundarios, com o fim de, em seguida ás batalhas incendiarem e roubarem o paiz vencido.

Foi com fim egual, affirma Dubois, que os inglezes os empregaram na guerra com o sultão de Maisur.

E' d'esta forma que se explica a razão porque o grande Tamorlan os tinha no seu exercito, que era composto não só de tartaros mongoles, mas de todas as castas asiaticas.

Egualmente se explica, porque muito antes d'elle, os differentes guerreiros mahometanos, ao partirem das visinhanças da India a percorrer o littoral do Mediterraneo até desembarcarem nas costas de Hespanha, vieram seguidos d'essas mesmas hordes asiaticas auxiliares, que foram os primeiros ciganos que entraram na Europa, e que confundidos com os soldados sarracenos, só foram notados pelos christãos hespanhóes depois da conquista de Granada, quando começou a predominar a politica do arcebispo Gimenez de Cisneros contra as raças do Oriente.

Assim egualmente ficam accentuadas as razões porque o sultão turco Bayceto I, depois de occupar a Asia Menor, derrotar o imperio grego, invadir a Europa pelas margens do Danubio em 1402, e derrotar em Nicopolis os cem mil christãos que se oppunham á sua invasão, deixou na Bulgaria e na Servia as hordes de *zinganes* do Sind, que o haviam acompanhado.

E' tambem notorio que tendo ido Bayaceto I n'esse mesmo anno combater Tamorlan e havendo sido derrotado depois d'um medonho combate de tres dias em que entraram *trezentos e quarenta mil homens*, os ciganos do imperador tartaro e os ciganos do sultão turco, para se não matarem, preferiram dispersar-se pelo novo paiz onde tinham vindo, a seguir Tamorlan á cidade de Multan e aos campos banhados pelo rio Sind, que os rodeia até desaguar no mar de Oman.

Durante o primeiro periodo do seculo XV, em que os povos limitrophes da Asia, da Africa e da Europa, mudam de aspecto; quando a raça turca as invade e submette, impondo-lhes leis, costumes e religiões; estabelecendo o seu predominio entre o Eufrates e o Nilo, a Jonia e o Pireo, no mar de Marmara e no Danubio; quando tudo isto se concentra debaixo do mesmo impulso nivelador, que tem de estranho que em todos estes pontos, ou em alguns, mas especialmente na Bulgaria, os ciganos do Sind que seguiram os exercitos de Bayaceto e Tamorlan ahi estabeleçam a sua residencia durante quinze annos?

Que tem de extranho que os ciganos uma vez conhecedores do terreno, se dividissem, seguindo os seus instinctos de vagabundagem e se propozessem a atravessar o Danubio e a Moldavia, entrassem pela Russia e Polonia, apparecessem na Bohemia e na Hungria, atravessassem a Allemanha, invadissem a Italia e transpozessem as fronteiras do Estado da França por Alsacia e Lorena?

E isto não é uma mal fundada hypothese.

Anteriormente as chronicas, e hoje os documentos contemporaneos, mencionaram em datas identicas a apparição dos ciganos nos paizes mencionados.

(*Continúa*). *Julio Rocha.*

OS MORTOS

> «Le silence des tombeaux s'es substitué au murmure des places publiques.»
>
> M. VOLNEY — *A meditação*.

> «La pompe des enterremens intéresse plus la vanité des vivans que la mémoire des morts.
>
> DUQUE DE LA ROCHEFOUCAULD —*Maximas e reflexões moraes*.

Jorge Ebers escreveu em sua obra *Egypto* as seguintes palavras em relação ás pyramides: «Como quer que seja, não se pode duvidar que os edificios indestructiveis de que nos estamos occupando, eram destinados a conservar indefinidamente, não só o cadaver, mas tambem a memoria do principe que n'elles se depositava; de sorte que pertencem a essa classe de monumentos dos quaes disse um profundo observador: É incontestavel que o seu fim real consiste em falar á posteridade mais remota, relacionar-se com ella, e d'este modo dar unidade á consciencia humana. Isto succede não só com os monumentos dos indios, dos egypcios, dos gregos e dos romanos, mas ainda com outros mais proximos de nós e nos quaes, da mesma fórma que nos remotos, se vê claramente esse sentimento que leva o homem a communicar com a posteridade...»

Ricardo Guimarães, fallecido visconde de Benalcanfôr, traçou em seu capitulo *As pyramides*, do livro *De Lisboa ao Cairo* estas linhas expressivas: «Depois de haverem abrigado o somno derradeiro de reis e imperadores, cuja memoria apenas bruxuleia nas trevas de tempos remotissimos, que de cidades e dynastias aquelles colossos não viram desapparecer e sumir-se á volta de si, n'esse mesmo Egypto, prodigiosamente archi secular, de cujos annaes de ha seis mil annos elles são as chronicas em granito!»

Eis a jazida mortuaria mais imponente de que ha noticia sobre a terra: e se o povo de mais alta antiguidade que a historia menciona votou a seus mortos um culto ostentoso de tal grandeza perduravel, que admira o culto prestado em nossos dias aos finados?

Incerta a hora da morte e certissimo o phenomeno de acabamento, existem signaes em todo o orbe terraqueo denunciando a religião dos tumulos como sentimento dominante mais ou menos entre os diversos grupos ethnicos que constituem a familia humana.

Se a ideia de vida e os orgãos genitaes fôram em todos os tempos e continuam sendo motivo de alegrias, objecto de cerimonias e causa de regosijos publicos e de manifestações solemnes, egualmente a idéa de morte, o estertor de agonia e o aspecto hirto de corpo em que se extinguiu a vitalidade fôram e são motivo de lagrimas, objecto de saudade e causa de cortejos funebres.

«Aos olhos do homem primitivo ou ignorante, diz o doutor Carlos Letourneau no volume *La Sociologie*, livro 3.º, capitulo 13, a morte não passa de um accidente, de um abalo que sómente imprime á existencia um novo curso.»

Em um trabalho curioso e cheio de interesse do sabio inglez John Lubbock, *As origens da civilisação*, destaca-se esta passagem inteiramente verdadeira: «O idolo tóma de ordinario a fórma humana e a idolatria liga-se ao culto dos antepassados intimamente. Já vimos que o homem não civilisado tem difficuldade em comprehender a morte; não podemos admirar por outro lado que o espirito humano haja confundido o somno e a morte.»

O illustre professor Fustel de Coulanges, disse em *La Cité Antique*: «O hindú, como o grego considera os mortos como seres divinos gosando de uma existencia bemaventurada... Os gregos e os romanos tinham crenças identicas: quando se não offerecia o banquete funebre aos mortos, estes sahiam logo de seus tumulos, e, sombras errantes, ouviam-se gemer durantes as noites cujo silencio quebravam.»

Os mortos! — esta expressão em que apenas entram dois termos grammaticaes, artigo definido e substantivo commum, é comtudo conpendiosa e synthetica: encerra virtualmente o significado authentico e a modalidade absoluta da unica philosophia exactissima que se cumpre com rigor mathematico na scena theatral das existencias e no laboratorio immenso da natureza viva, divide peremptoriamente os campos extremos na escala dos seres, resume com força de logica o limite maximo para além do qual cessam todas as aspirações mundanas e se tornam impossiveis venturas de affecto, glorias de triumpho e lucubrações mentaes!

«Foi sem duvida em face da morte, exclamou Fustel de Coulanges no livro primoroso ha pouco citado, que o homem concebeu o sobrenatural pela vez primeira e que teve idéa do além-campa.»

Com effeito, quem póde subtrahir-se em presença de um cadaver ás mil impressões differentes que se reflectem sobre o moral e o physico do individuo?

E não repugna á capacidade intellectual a idéa de anniquilamento completo?

Os antigos enterravam seus defunctos juntamente com objectos de que haviam feito uso em vida, animaes domesticos e até escravos, e procediam assim para que elles permanecessem em sua nova existencia de posse de tudo quanto lhes fôra habitual e imprescindivel.

Muitos monumentos funerarios teem sido encontrados repletos de armas e de utensilios revelando origem contemporanea da época da pedra lascada.

Achados preciosos para eruditos de investigação scientifica, contribuem grandemente para o

avanço da archeologia e esclarecem por solução categorica importantes problemas geologicos.

Os banquetes que ainda hoje se observam entre selvagens nos campos de morte, remontam a era indecifravel na noite dos seculos e são poucos os logares habitados da terra onde se não podem registar em relação ao passado pelo menos.

Os vivos visitam os tumulos, invocam os espiritos, espalham viandas e derramam bebidas em volta das sepulturas cujos moradores tambem compartilham do banquete, segundo elles acreditam!

«Se viste algumas vezes o homem morrer, lê-se no livro 1.º, capitulo 23, de *Da Imitação de Christo*, medita, porque tu has tambem de passar por a mesma via.»

É sabio e profundo este conselho admiravel que preservaria muito ente fraco de precipicio miseravel se estivesse gravado em todos os cerebros e inscripto em todas as consciencias. O Christianismo não esqueceu os mortos nas cerimonias de seu rito e a Egreja Catholica ora por elles na pessoa de seus levitas consummando na ara do altar o sacrificio incruento. «O morto, escreveu o nosso Antonio Vieira em um sermão de que foi impressa uma passagem no volume *Trechos Selectos*, quando o levam á sepultura, pelas mesmas ruas por onde passeava arrogante, tão contente, vae envolto em uma mortalha velha e rôta, como se fôra vestido de purpura ou brocado. Chegado á sepultura, tão satisfeito está com sete pés de terra como com os mausoleus de Caria, ou as pyramides do Egypto.»

O immortal jesuita quiz certamente pôr em evidencia a humildade irreductivel no estado de morte, em que se nivelam todas as grandezas e se confundem todas as ascendencias. Aquelles tumulos famosos dos reis que todos os viajantes admiram quando visitam Jerusalem, que merecimento renderam á memoria de seus hospedes algidos e empannados no sudario?

Vinet diz no capitulo *Jerusalem e o mar Môrto*, de sua obra *A arte e a archeologia*: «É o mais bello, o mais interessante dos monumentos que cercam esta cidade, e já na idade-média gosava de nomeada.» E só por incidente cita o nome de David; não pelo homem mas pelo caracter da necropole.

A cidade de Genova possue talvez o camposancto mais opulento de maravilhas e de riquezas que existe actualmente no mundo culto. De que vale isso em beneficio dos mortos? Que vantagens de moralidade se colhem mediante o emprego de tantissimas sommas consumidas em construcções sepulchraes nos cemiterios de todos os paizes civilisados?

É quasi instinctiva a veneração pelos mortos; mas entre o dever de respeito, a satisfação intima de piedade religiosa e o sacrificio de levantar um sarcophago á custa de economias que chegam a representar thesoiros para guardar cinzas queridas, que paridade ha, que relação imperiosa existe?! A morada da morte não póde nem deve contrastar de modo algum com os farrapos do faminto e com as torturas de pobreza envergonhada em meio de povos illuminados pelos fulgores do Evangelho. Condemno todos os excessos e exagêros que redundam em motivos de doésto provocante e em argumento de escarneo. Applaudo o impulso de gratidão que determina a erecção de uma estatua na praça publica ao heroe que a conquistou por actos de justiça e de caridade; louvo as multidões que acompanham até á ultima jazida os restos mortaes de quem as serviu com inteiro desinteresse e com sincera abnegação: não applaudo nem louvo manifestações ruidosas dentro de cemiterios, rendilhados artisticos e requintes architectonicos em mansão de cadaveres, symbolos vaidosos e testemunhos de protervia onde é dominante o silencio mortuario e onde brilha através de tudo o nivelamento da Egualdade!

Acabam ali as dissensões politicas, os desconcêrtos sociaes e as luctas de escolas: materialistas e atheus; republicanos, monarchicos, anarchistas, proletarios e burguezes; conservadores e radicaes, tudo entra por aquella porta nos seios da mãe commum, tudo fica em repoiso forçado na estancia derradeira, tudo passa do bulicio da vida em que fermentam odios e se desenvolvem paixões freneticas ao transito da morte em que cessam vibrações arteriaes, conceitos de entendimento e distensão de nervos!

É a habitação dos que fôram, é logar de nudez e de corpos inertes, é visão de mortos em leitos de argilla e enygma doloroso para orphanados de esperanças e de crença mas é tambem templo aberto de oração e arrebol de alvoradas para almas eleitas que a Cruz fortifica e a Fé levanta até Deus.

«Quando, escreveu Chateaubriand em o segundo volume de *O Genio do Christianismo*, grandiosas cinzas e grandes desgraças subvertem as duplas vaidades n'uma estreita jazida, a religião congrega os fieis em qualquer templo.»

E isso basta aos que partiram; tanto monta aos mortos sumptuosidade de moimento como cova simples: «a natureza, escreveu no mesmo volume o illustre auctor citado, não entalha o novo me dos robles sobre os troncos derribados nas florestas.»

Não precisa o nosso pó mais que vállas e outro timbre que o juizo de Deus.

D. Francisco de Noronha.

O burgomestre engarrafado

(ERCKMANN CHATRIAN)

(Continuado do n.º antecedente)

Não estavamos ainda a meia legua da famosa estalagem, quando o meu amigo Hippel, sempre devorado pela sede, bebeu um trago de vinho tinto

—Oh meu Deus! exclamou como tomado de vertigem; o sonho! outra vez o sonho!

E metteu o cavallo a trote, para fugir d'aquella visão que se lhe pintava na physionomia com traços singulares.

Eu segui-o de longe, porque o meu rocim requeria certas attenções.

O sol nasceu; uma côr pallida e rosada invadiu o azul sombrio do céo; as estrellas apagaram-se no meio d'aquella claridade deslumbrante, como perolas no fundo do mar.

D'ahi a pouco Hippel soffreou o cavallo e esperou-me.

—Não sei, disse-me, não sei que sombrias idéas se apoderaram de mim. Este vinho tinto deve ter alguma virtude extraordinaria: lisonjeia-me o paladar, é verdade, mas ataca-me a cabeça.

—Meu Hippel, observei, está provado que certos licores encerram os principios da phantasia e até os da phantasmagoria. Tenho visto homens alegres tornaram-se tristes, homens tristes tornarem-se alegres, homens de talento tornarem-se estupidos e vice versa, só com alguns copos de vinho no estomago. É um profundo mysterio. Ousaria algum insensato pôr em duvida o magico poder da garrafa? Não será ella o sceptro de uma força superior, incomprehensivel, ante a qual devemos inclinar a fronte, visto que todos soffremos ás vezes a sua influencia divina ou infernal?

Hippel reconheceu a força dos meus argumentos e ficou taciturno, como perdido em vagas reflexões.

Caminhavamos por uma vereda que serpenteia pelas margens do Queich. A perdiz soltava o seu grito guttural, escondendo-se debaixo dos pampanos. A paizagem era magnifica, o rio murmurava, fugindo através dos penhascos, e á direita e esquerda extendiam-se os vinhedos carregados de abundantes colheitas.

O caminho fazia um cotovello na vertente da montanha. Subito Hippel ficou immovel, com a bocca aberta e as mãos extendidas em attitude de pasmo; pouco depois voltou rapidamente a garupa disposto a fugir; mas eu, segurando-lhe o cavallo pelas redeas, filo-o parar.

—Que demonio tens tu, Hippel? perguntei-lhe. Acaso o anjo de Balaam faria brilhar a teus olhos a sua espada?

—Deixa-me, respondeu, forcejando. O meu sonho! o meu sonho!

—Socega, homem, socega; esse vinho tinto contem, sem duvida, propriedades nocivas. Bebe uma gotta d'est'outro, summo generoso que afugenta do cerebro do homem as sombrias idéas que o turbam.

Bebeu avidamente vinho branco, e este benefico licor restabeleceu o equilibrio das suas faculdades.

Logo despejámos o vinho tinto, que já estava negro como a tinta de escrever. O mysterioso liquido dava borbotões como se estivera a ferver no solo, e pareceu-me ouvir surdos gemidos, vozes confusas, suspiros, tão fracos que dir-se-hia sahirem de uma paragem longinqua, que os nossos ouvidos não podiam sentir e sim somente as fibras mais intimas do coração. Era o ultimo suspiro de Abel, quando seu irmão o lançou por terra e a terra se empapou em seu sangue.

Hippel estava preoccupado de mais para dar por este phenomeno, que me causou profunda impressão. Ao mesmo tempo uma ave negra, não maior que a mão fechada, saltou de um matagal, dando um grito de terror.

«Sinto, disse-me Hippel, que luctam em mim dois principios contrarios, o negro e o branco, o principio do bem e o do mal. Continuemos.

E continuamos o nosso caminho.

«Luiz, tornou o meu companheiro de viagem, dão-se no mundo cousas tão extraordinarias que ante ellas se humilha o espirito a tremer. Sabes perfeitamente que nunca estive n'este paiz. Pois bem, de noite sonhei e agora vejo por meus proprios olhos que se levantam deante de mim as phantasias do sonho. Esta paizagem que estás a ver é a mesma que eu vi no meu sonho laborioso. Aqui estão as ruinas do castello, onde me deu o ataque de apoplexia fulminante... Alli, o caminho que andei, e mais adeante as minhas propriedades. Não ha n'este sitio uma arvore, um arroio, uma matta que eu não reconheça, como se estivera costumado a vel-os diariamente. Quando passarmos o angulo do caminho, havemos de ver no fundo do valle a povoação de Welchre: a segunda casa á direita é a do burgomestre, que tem cinco janellas no andar, e duas de cada lado da porta. A' esquerda da minha casa, quero dizer, da casa do burgomestre, has de ver um curral onde recolhia o meu gado, e por detrás, n'um pateo, e debaixo de um telheiro, verás um lagar. Emfim, meu querido Luiz, tal como sou, não passo de um resuscitado; o pobre burgomestre olha-te pelos meus olhos, fala-te pela minha bocca, e se me não lembrasse que, antes de ser burgomestre, rico proprietario, miseravel avarento, fui Hippel, hesitaria em dizer quem sou, pois o que vejo traz-me á memoria outra existencia, outros habitos, outras idéas.

Não podia ser mais exacta a descripção que Hippel me fizera d'aquelle sitio. Vi ao longe a povoação no fundo de um bonito valle, entre duas bellas collinas; as casas estavam disseminadas pela margem do rio; a segunda á direita era a do burgomestre.

Ainda mais: Hippel conservava uma idéa vaga das pessoas que encontravamos pelo caminho; muitas d'ellas pareceram-lhe tão familiares que esteve a ponto de as chamar pelos seus nomes; mas a palavra não lhe sahiu dos labios, porque a prendiam as suas recordações anteriores. Alem de que, vendo a indifferente curiosidade com que todos nos olhavam, convenceu-se Hippel de que era desconhecido e que a sua individualidade cobria a alma do defuncto burgomestre.

Chegámos á povoação e entrámos n'uma pousada, que o meu companheiro me indicou como a melhor, dizendo-me que a conhecia de longa data.

Nova surpresa: a estalajadeira era uma mulher bem apessoada, que enviuvara havia muito, e a quem o defuncto burgomestre pretendera em segundas nupcias.

Hippel teve a tentação de abraçal-a, como se a presença d'aquella mulher houvera despertado n'elle todas as antigas sympathias. Pôde, todavia, conter-se, combatendo em si as tendencias conjugaes do burgomestre. Limitou-se, pois, a pedir-lhe da maneira mais amavel um bom almoço e o melhor vinho da terra.

(Conclue).

METEOROLOGIA

Outubro de 1902

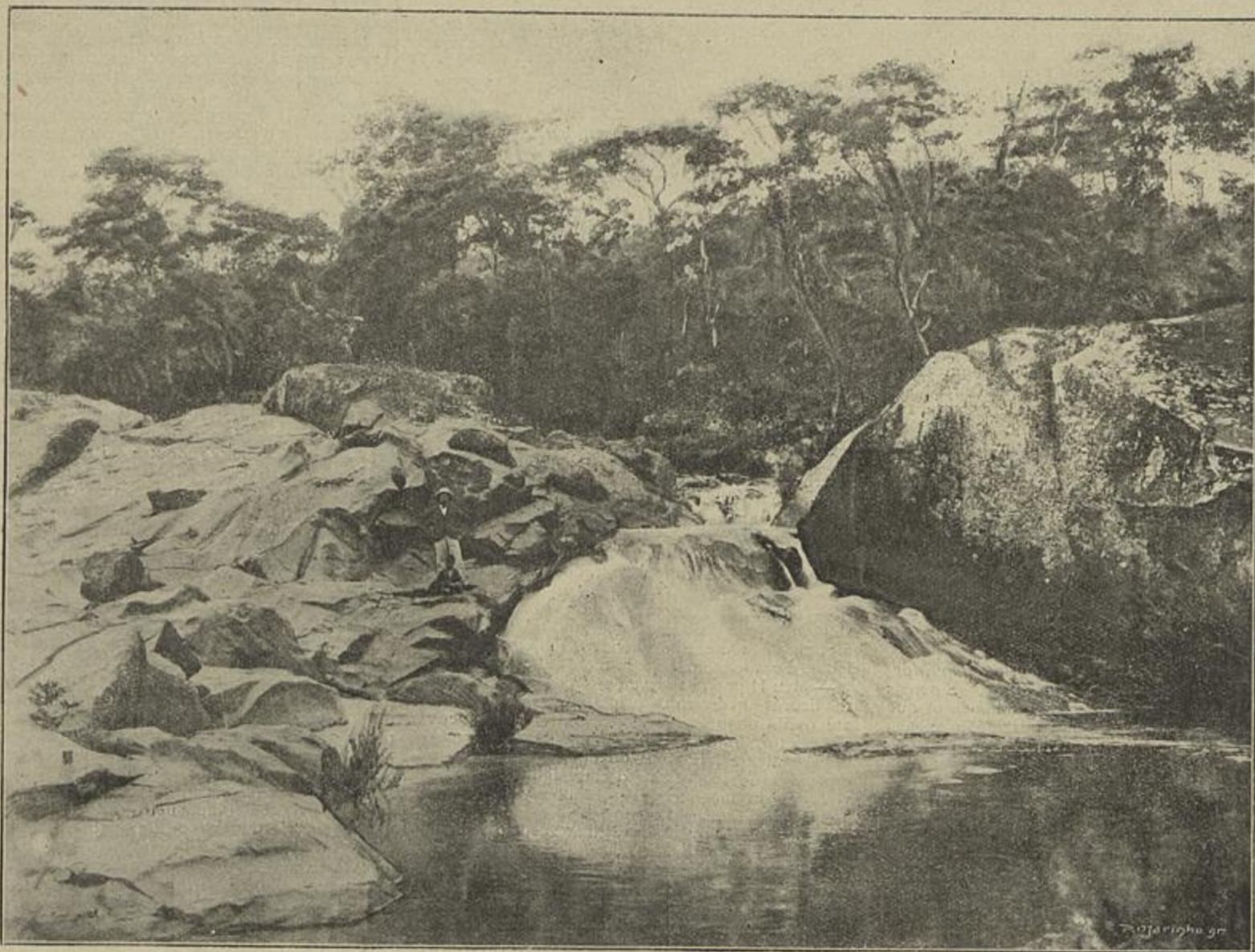
Observações diarias

Dias	Barometro	Temperaturas extremas	Céu	Vento	Chuva
	mm	° °			mm
21	767,8	21,8–14,2	Alg. nuvens	N	0,0
22	768,4	22,7–14,9	»	»	0,0
23	770,8	21,2–14,4	»	NNE	0 0
24	768 6	20,9–14,4	»	»	0,0
25	768,7	19 5–12,1	P. nublado	NE	0,0
26	767,5	20,3– 9,9	»	NNE	0,0
27	764,9	21,8–11,7	Alg. nuvens	N	0,0
28	763,1	23,2–14,3	Limpo	NNE	0,0
29	759,7	22,3–12,7	»	»	0,0
30	762,2	20,6–12,0	Alg. nuvens	NE	0,0

CHRONICA METEOROLOGICA

O tempo conservou-se explendido durante a dezena, mas um pouco quente para a epoca. As noites e manhãs sensivelmente frescas e algumas frias, porém durante o dia nota-se algum calor. O vento tem-se conservado, geralmente, do quadrante NE e com pequenas oscillações na pressão, excepto de 27 a 29, em que esta baixou gradualmente (min em 29, ás 4 horas da tarde, 758,mm1).

É de crer, que, durante os primeiros dias de novembro, o tempo se modifique.

Territorio de Manica e Sofala

MANICA — QUEDA DO *Munene*, PROXIMO DE MACEQUECE